

Bruxelas, 31 de Janeiro de 2008

Promoção de uma «língua pessoal adoptiva» reforça o multilinguismo e o diálogo intercultural, conclui o grupo de intelectuais da Comunidade Europeia

O grupo de intelectuais criado para aconselhar a Comissão sobre a contribuição do multilinguismo para o diálogo intercultural¹ entregou hoje ao Comissário Orban o seu relatório, intitulado «Um Desafio Salutar». No contexto do Ano Europeu do Diálogo Intercultural 2008, este grupo, presidido por Amin Maalouf, apresenta propostas sobre o modo como as línguas podem promover o diálogo intercultural e a compreensão mútua, estabelecendo umnexo claro entre a diversidade linguística e a integração europeia. Estes resultados deverão alimentar os debates da primeira Conferência Interministerial sobre o multilinguismo, programada para 15 de Fevereiro. O grupo debruça-se sobre os cidadãos que têm uma «segunda língua materna», também chamada «língua pessoal adoptiva», com a qual se identificam por razões de ordem pessoal ou profissional.

«A abordagem preconizada pelo grupo de intelectuais irá suscitar o debate neste ano de diálogo intercultural», declarou o Comissário Leonard Orban. «As propostas apresentadas estão em harmonia com o desejo expresso pelos Chefes de Estado e de Governo da UE em Barcelona em 2002, de incluir nos sistemas de ensino da UE a fórmula 'língua materna mais duas'». Um bom conhecimento de outras línguas constrói pontes e promove a compreensão entre culturas.»

A língua pessoal adoptiva já é uma realidade para um número crescente de cidadãos da UE que se identificam com uma outra língua num plano pessoal, cultural ou profissional.

Dois pontos principais ressaltam das propostas.

- 1) As relações bilaterais entre os países da UE deveriam articular-se nas línguas dos dois países em questão, em vez de se recorrer a uma terceira língua. Cada país deveria ter um número suficiente de falantes competentes das línguas dos demais.
- 2) A UE deveria promover o conceito de «língua adoptiva pessoal». Esta seria vista como uma «segunda língua materna», que cada cidadão europeu deve ser estimulado a aprender. Deveria constituir, de preferência, uma parte integrante do ensino básico e/ou universitário e da vida profissional, estreitamente associada a aspectos que se prendem com a História, a Cultura e a Literatura. Esta língua adoptada não seria forçosamente a língua utilizada para a comunicação internacional.

¹ Sobre a criação do grupo, ver [IP/07/972](#) de 29 de Junho de 2007

Em apoio destas teses, invocam algumas considerações de carácter prático.

- 1) A imigração tem um impacto cada vez maior na vida política, económica, social e intelectual na Europa. Para os imigrantes, a língua pessoal adoptiva seria, em princípio, a língua do país em que escolheram viver.
- 2) As línguas maternas dos imigrantes vindos de fora da UE (alternativa: que não são cidadãos da UE) deveriam ser incluídas no rol das línguas que os cidadãos da UE seriam incentivados a aprender.
- 3) Para os europeus cuja língua materna ocupa uma posição dominante no mundo, aprender uma língua pessoal adoptiva seria particularmente importante, para não ficarem isoladas no monolinguismo.
- 4) No intuito de assegurar a manutenção da diversidade linguística, os países deveriam instituir uma organização comum, encarregada de promover o conhecimento da língua e da cultura uns dos outros.

O relatório completo do grupo de intelectuais para o diálogo intercultural está disponível em 22 línguas no endereço:

http://ec.europa.eu/education/policies/lang/languages_en.html

Para mais informações sobre as línguas da UE:

<http://europa.eu/languages/>